

A EDUCAÇÃO NO JUDAÍSMO

Ana Szpiczkowski

Para se falar de educação no judaísmo, é importante entendê-la dentro de um contexto mais amplo, que envolve a concepção de mundo, a inserção do homem nele e a compreensão que se tem do homem enquanto agente. A educação, ao longo dos tempos, tem sido percebida sob diferentes prismas, dependendo da cultura à qual está vinculada, e isso porque cada povo possui princípios norteadores relacionados ao seu desenvolvimento educacional.

O povo judeu tem seu modo próprio de encarar a educação, a começar por sua definição.

Embora na língua hebraica seja feita uma distinção entre educação - *Hinukh* – e ensino – *Limud*, demonstrando uma diferença conceitual entre ambos, é preciso salientar que há, no judaísmo, uma preocupação constante com a transmissão dos conhecimentos e valores, partindo de um princípio básico, que é o da associação da prática à teoria, baseada nos preceitos apontados na Bíblia.

Considerando-se que um dos preceitos básicos do judaísmo consiste em ensinar e estudar a Bíblia, essa transmissão de valores inicia-se ainda em casa, quando a criança é pequena, e estende-se aos mestres, quando o educando já se encontra em idade escolar. Por sinal, essa idéia é encontrada em Deuteronômio (6:7), no versículo: “*E as intimarás a teus filhos*”. Também Maimônides, no seu 11º mandamento refere-se a “*Ensinar e estudar a sabedoria da Torá*”, numa referência explícita à presença da *Torá* durante toda a vida da pessoa, uma vez que é atribuída aos idosos, a sabedoria adquirida pelo estudo iniciado ainda na infância e continuado no decorrer da vida. Nessa concepção, as meditações de um nonagenário têm por objeto a mesma *Torá* que a criança de cinco anos começa a estudar.

Também em um dos tratados do *Talmud* (Lei oral) o *Pirkei Avot* (Ética dos Pais), é possível encontrar uma alusão à questão do amadurecimento para o estudo, isto é, que considera o nível de desenvolvimento do estudioso, estabelecido pela faixa etária. Assim, a máxima: “*Aos cinco anos é tempo de começar o estudo da Escritura; aos dez anos, o da Mischná; aos treze anos, o dos Mandamentos; aos quinze, o do Talmud; aos dezoito anos é tempo de casar; aos vinte, é tempo de perseguir o trabalho; aos trinta, plenitude da força física; aos quarenta, do entendimen-*

*to; aos cinqüenta, do conselho; aos sessenta começa a velhice; aos setenta, as cãs; aos oitenta, se houver vigor; aos noventa começa o encurvamento; aos cem é como se estivesse morto, passado e extinto do mundo” (Avot:5:21(22)), nos permite entender que a idade do estudante deve ser considerada, por suas características intelectuais e emocionais, para um melhor aproveitamento e desenvolvimento. Também a experiência dos mais velhos é considerada essencial para o aprimoramento das novas gerações e para a longevidade dos conhecimentos. Por sinal, o 209º mandamento de Maimônides “**Honrar os eruditos e os idosos**”, também ressalva a importância de se deferir idosos e eruditos, porque a educação se recebe e se transmite por herança, como é possível encontrar em Deuteronômio, “**Moisés nos deu também a lei por herança da congregação de Jacó**” (33:4).*

Cabe ao pai começar a ensinar a *Torá* ao filho, desde quando ele inicia as suas primeiras palavras, por meio da repetição de alguns versículos bíblicos, como vemos em: “**Quando** a criança começa a falar, seu pai lhe ensinará a *Torá* e a fará repetir o *Schmá*,” (Tratado de Sucá, na ordem de Moed, 42-a)

Toda cidade deverá ter obrigatoriamente um professor, cuja importância é equivalente à de um médico, de uma sinagoga e de um tribunal rabínico, para que não haja a interrupção de estudos, por motivo algum, sob pena de ser colocada no ostracismo. Assim, aos seis ou sete anos, a criança continua sua educação com um professor remunerado.

O professor ou mestre é, muitas vezes, tratado pelo título de *Talmid Hakham* – (discípulo do Sábio), associado ao estudioso litúrgico, que se ocupa do estudo e do ensino da *Torá*, e que nunca acaba de aprender. Isto porque o dever do judeu consiste não somente em estudar, mas também em transmitir seus conhecimentos à geração seguinte.

Os Eruditos – *Talmidei Hakhamim* (discípulos dos Sábios) – constituem a elite na cultura judaica e representam um ideal que os outros tentam atingir.

Os Sábios são eternos estudantes, pois o mestre considera a si mesmo como um aluno, como um *Talmid Hakham*. Trata-se de um grupo aberto, que sempre encoraja os outros a ingressarem em suas fileiras, desde que demonstrem capacidade escolástica. Devem ser capazes de estudar e entender a Bíblia, o que requer alto grau de capacidade intelectual, e ser dotado de qualidades espirituais e humanitárias para uma conduta moral e observância estrita dos preceitos. O erudito simboliza não só o homem que estuda a Bíblia, mas a sua própria personificação. Seus conhecimentos devem ser profundos em Bíblia, *Mischná* e *Talmud* (Lei Oral), assim como

nos vários métodos de aprendizagem, baseados principalmente na *Guemarú* (Lei Oral). Necessitam ter familiaridade com certa quantidade de material básico, capacidade de analisar todos os métodos de estudo, capacidade especial para lidar com problemas talmúdicos e entendê-los no contexto.

O *Talmud* é o pilar central da cultura judaica. É impossível abordar a exegese bíblica ou a filosofia judaica ou esotérica sem o conhecimento do *Talmud*, material de base para tudo. Possui importância sócio-histórica, pois nenhuma comunidade judaica poderia sobreviver por muito tempo, se perdesse a capacidade de estudar o *Talmud*, uma vez que ele constitui a espinha dorsal do multiforme conhecimento judaico e, ainda, da legislação – as normas legais a serem seguidas.

Seu estudo representa o cumprimento do *Talmud Torá* e pressupõe diferentes respostas, exigindo agilidade e flexibilidade mental de seus interlocutores.

A função da escola consiste em desenvolver as noções básicas que a criança adquiriu na infância, em casa, numa busca de integração harmoniosa entre lar e escola e que favoreça o desenvolvimento educacional do aluno.

Há alguns tipos de instituições educacionais judaicas:

Heder: responsável pela iniciação da criança aos três anos de idade, muitas vezes marcada por uma festa ou jejum por parte dos pais. Os recém-nascidos são, muitas vezes, levados por suas mães à casa de estudos, para ouvir palavras da *Torá* desde a mais tenra idade.

Beit-Ha-Midrash: casa de estudos – instituição aberta a todos os membros da comunidade judaica sem distinção, ricos ou pobres, eruditos ou ignorantes, que serve, também, como casa de orações.

O estudo da Bíblia permite ao judeu aprender a rezar. Enquanto a oração é a expressão dos sentimentos perante Deus, as palavras da Bíblia dirigem-se à inteligência, à mente. A combinação entre estudo e oração é que permite a sobrevivência do povo de Israel, fato comprovado nas épocas de exílio, quando a Casa de Estudo era seu único refúgio. A função exercida pelo *Beit-Ha-Midrash* justifica a idéia de que a sua construção deveria ser o primeiro dever de todas as comunidades judaicas.

Yeschivá – escola superior onde se reúnem os professores com seus discípulos para estudarem a Lei, utilizando uma metodologia específica que favorece o debate e as contestações.

Os métodos de estudo empregados na *Yeschivá* não se limitam à memorização mecânica, embora em alguns casos ela possa também ser utilizada. Eles requerem participação ativa e envolvimento emocional e intelectual dos estudantes, numa busca incessante da verdade por meio de

questionamentos, sugestões, refutações, análise e crítica. E isso implica, certamente, um estudo grupal, onde cada um dos seus participantes traz suas contribuições, quer seja através de perguntas, quer seja pelas hipóteses levantadas, em busca de soluções e respostas, na medida em que no **Talmud** as discussões não são conclusivas. A aquisição de conhecimento não é vista como processo individual, isolado, mas dá-se, sempre, em conjunto com o outro, em um processo de busca e crescimento, que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico de alunos e professores.

O **Pilpul**, nome dado ao raciocínio dialético do **Talmud**, é utilizado como método de estudo e consiste na busca de evidências para comprovação de idéias. Ele exige a erudição quantitativa, para que os envolvidos no estudo possam participar efetivamente dessa busca, a partir de um repertório já existente, como caminho para o crescimento.

A **Havruta**, por sua vez, consiste na parceria durante o estudo, e é amplamente utilizada nas **Yeschivot** (escolas superiores). Trata-se de um método de estudo que estimula a troca de opiniões, o questionamento, a consciência do outro, a revelação de diferenças e análise racional dos argumentos apresentados. Por sinal, no **Pirkei Avot** (3:6) encontramos palavras que destacam a importância do estudo em grupo e, em último caso, o estudo individual, como vemos a seguir:

“Rabi Haláfta ben Dossa de Kfar Hananyá diz: Quando dez homens estão reunidos e ocupados com a Torá, o espírito divino poussa entre eles, pois foi dito: Deus está na assembléia do Eterno (Salmos,82:1). E em caso de cinco (também), pois foi dito: E estabeleceu o seu ajuntamento na terra (Amós, 9:6). E em caso de três (também), pois foi dito: No meio (de Juizes) julga Deus (Salmos,82:1). E em caso de dois (também), pois foi dito: Então os que temem ao Eterno falavam uns aos outros e o Senhor atentava e ouvia (Mal.,3:16). E em caso mesmo de um (também), pois foi dito: Em todo lugar que eu fizer invocar o Meu nome, virei a ti e te abençoarei” (Êx., 20:24).

É possível extrair daqui o conceito de **Minián**, nome dado ao número mínimo de dez homens necessários para legitimar as orações coletivas, cuja força atrai o espírito divino.

Considero importante ressaltar a questão do respeito atribuído ao aluno na concepção judaica. Primeiramente, cabe explicar que o estudo do **Talmud** imprime um ritmo peculiar ao texto e a seus comentários, fato que promove a participação do sentido auditivo das pessoas e conduz à fixação

do conhecimento. Este fato demonstra que existe uma preocupação com a maneira de facilitar a apreensão do conteúdo por parte dos estudantes, além de que a questão da consideração pela faixa etária representa uma visão desenvolvimentista e humanista de educação.

Isso também pode ser observado pela maneira como são encarados aqueles que têm maiores dificuldades para a aprendizagem. Encontramos em *Avot* (5:7) a seguinte máxima que vem corroborar tal idéia:

“Sete são os atributos do néscio (Golem) e sete os do sábio (Hakham): o sábio não fala diante de quem é maior do que ele em sabedoria (e idade) e não interrompe as palavras do seu próximo; não é afoito em responder, pergunta segundo o assunto e responde de acordo com a regra; fala primeiro sobre o primeiro e por último sobre o último; do que não ouviu, ele diz “não ouvi”, e confessa a verdade. O contrário disso é atribuído ao néscio.”

A Bíblia possui uma só palavra para designar o Sábio. Por outro lado, dispõe de vários termos para caracterizar o homem que não possui sabedoria; por exemplo, *Shote* – idiota, tonto, *Sakhal* – imbecil, *Evil* – tolo, bobo, estúpido, *Kessil* – estúpido, tolo etc. Esta máxima, entretanto, emprega somente o termo *Golem* – para designar o conceito oposto a *Hakham*.

Para captar exatamente o sentido do termo *Golem* é preciso se reportar ao tratado de *Kelim* (utensílios), onde se encontra o termo *Golamei Kelim*, que significa *utensílios de metal inacabados*, isto é, que ainda não adquiriram sua forma definitiva. Assim, os sábios relacionam a *Golem* não o aluno estúpido e incapaz, mas aquele que, apesar de deter muitos conhecimentos, não sabe ainda comportar-se como um sábio, isto é, submeter-se à disciplina da *Torá* e colocar em prática os conhecimentos adquiridos. É preciso realizar prolongados esforços de autodisciplina para converter-se em um *Hakham*. Aquele que não consegue atingir esse grau de perfeição é chamado *Golem*, quer dizer, *criatura inacabada*, e não *ignorante*.

A questão da assiduidade no estudo é levantada por constituir ele uma segunda natureza para o povo judeu, como podemos observar, mais uma vez, em *Avot*:

“Há quatro tipos entre os que se sentam perante mestres: esponja, funil, filtro e peneira. Esponja é aquele que absorve tudo; funil, o que recebe de um lado e deixa escapar de outro; filtro, o que deixa sair o vinho e retém a borra; peneira, o que deixa sair o farelo e retém a farinha”. (5:15).

“Sentar diante de mestres” implica a participação ativa de alunos e professores em um debate que só se esgota quando todas as dúvidas estiverem esclarecidas.

Essa participação pode dar-se de quatro modos distintos, conforme consta nessa máxima. Falando do tipo que se assemelha a uma esponja, os Sábios não se referiam ao indivíduo que absorve tudo, sem discernimento, mas àquele que, por sua imensa curiosidade, absorve avidamente tudo o que emana da boca do Sábio, seu mestre. Quando apontam para o segundo tipo, o funil, associam este objeto à sua capacidade de absorção, superior à sua capacidade de restituição, o que significa que o aluno que se assemelha ao funil restitui com dificuldade os conhecimentos absorvidos. A terceira categoria de alunos é comparada ao filtro, que retém os sedimentos e deixa passar o vinho, do mesmo modo que o bom aluno deve “sedimentar” o que aprendeu e transmitir aos seus próprios alunos um vinho claro, quer dizer, os conhecimentos, de acordo com sua capacidade de compreender. Por último, a comparação com a peneira, que serve para reter o melhor da farinha, corresponde ao aluno que é capaz de conservar o núcleo dos ensinamentos e desfazer-se dos desperdícios.

Para finalizar, convém lembrar que o estudo da *Torá* e a prática de seus preceitos é, portanto, o único caminho a ser percorrido para o crescimento individual e grupal, em busca do aperfeiçoamento. A educação no Judaísmo preocupa-se com a formação do homem como um todo, onde os estudos contínuos, independentemente do papel exercido pelo homem na sociedade, levam ao aprimoramento do seu caráter e de seu “modus vivendi”.

O reconhecimento da vivência e experiência dos eruditos como fonte da qual emanam conhecimentos, ao mesmo tempo em que se renova com a experiência e questionamentos da juventude, permite a transmissão do judaísmo de geração a geração e a sua continuidade no decorrer dos séculos.

Há uma máxima no *Pirkei Avot* que, no meu entender, concentra o pensamento educacional judaico, e por isso, gostaria de citar aqui, para uma futura e oportuna reflexão:

“Que a honra do teu discípulo seja tão querida para ti como a tua própria, e a honra do teu companheiro como a reverência pelo teu mestre, e a reverência pelo teu mestre como a reverência pelos Céus”. (4:12).

BIBLIOGRAFIA

- A Bíblia Sagrada*, Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica do Brasil, tradução de João Ferreira de Almeida, 1957.
- A Lei de Moisés – e as “Haftarot”*. Rio de Janeiro, S. Cohen & Cia. Ltda., 1968, tradução, explicações e comentários do Rabino Meir Masliah Melamed.
- Enciclopédia Judaica*, s.v., Rio de Janeiro, Tradição S/A, 1967.
- Maimônides – Comentário da Mishná – ética dos pais* - Sanhedrin, São Paulo, Maayanot, 1993, tradução de Alice Frank.
- Maimônides – Mishné Torá* – Alumot, Jerusalém – Tel Aviv, 1965.
- Maimônides – Os 613 Mandamentos* – São Paulo, Nova Stella, 1990, tradução de Giuseppe Nahaïssi.
- Pirke Avot : Ética dos Pais* – São Paulo, B’nai B’rith, 1976, 1ª ed., tradução e notas explicativas de Eliezer Levin.
- The Holy Scriptures: A Jewish Bible According To the Masoretic Text*, Hebrew and English. Tel Aviv, Sinai Publishing, 1971.
- The Mishnah : with fully vocalized text*. New York, The Hebraica Press, Inc., 1966, vol. 4: Nezikin, Translation and Commentary in Yiddish by Dr. Simcha Petrushka.
- BRISK, Hilel *Educating Our Children*. Jerusalem, Saba-Fujie, 1993, tradução de M. Steinberger.
- CAON, Claudia M. *A Educação Religiosa Ortodoxa Judaica – Princípios, Metas e Resultados*, Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo, 1995.
- DONIN, Rabbi Hayim Halevy. *To Raise a Jewish Child: A Guide for Parents*, New York, Basic Books Inc., Publishers, 1977.
- KEHATI, Pinhas, *Mishnah -Avot - Comentários a la Mishná: tratado de Pirke Avot*. Jerusalém, Heichal Shlomo, 7ª ed., 1976.
- LEHMANN, M. *Pirke Avot, Harambam Maimonides Corp.*, Miami Beach, Flórida, 1985, tradução e adaptação de Viviane Assa, revisão de Rachel Melul de Amselem.
- LOEBENSTEIN, Y. The Meaning of Education. In Mayer S. Rivkin e outros. *The Rebbe: Changing the Tide of Education*, New York, Lubavitch Youth Organization, 1982.
- MUNK, Meir. *Sparing the Rod – A Torah Perspective on Reward and Punishment in Education*, Bnei Brak, Israel: Mishor Publishing Co., Ltd., 1989.
- ORLOWEK, Noach *My Disciple, My Child*, New York, Feldheim Publishers, 1993.
- STEINSALTZ, Adin. *O Talmud Essencial*, Rio de Janeiro, A. Koogan editor, 1989, tradução de Elias Davidovich.